

ENTRE MEMÓRIAS E PALAVRAS

Não se trata nunca de coser uma história, mas de servir-se duma história para criar uma nova realidade significativa no plano da reinvenção estética, de transformar o que desprevenidamente viu, sentiu, viveu (de transformar-se) nesse tal mundo dentro do mundo, que do mundo vem, para o mundo volta e nele permanece, alargando-o, enriquecendo-o, através dessa operação prodigiosa em que as palavras, sem deixarem de ser um meio – o meio por excelência -, são também um fim.

Mário Dionísio.

1

Apresentação

Dentro do grande espectro de obras e escritores que constituem o Neo-realismo português, é de fácil percepção que o movimento, em sua raiz, não se estabeleceu como uma estética uniforme. Apesar de uma linha marxista nortear claramente os caminhos e desígnios dos escritores, diferentes concepções e interpretações do que se deveria construir artisticamente se estabeleceu. A pouca idade e as diferentes realidades a que estavam submetidos, caracterizaram um grupo heterogêneo, constituído por indivíduos de diferentes formações, que se uniram por um mesmo sentimento de “recusa” e por acreditar na criação de uma literatura nova capaz de aliar-se ao processo de desconstrução de um mundo viciado e injusto que os cercavam. Temos, portanto, pessoas diferentes, de mundos diferentes, mas que, pela comunhão de interesses, juntaram-se e fomentaram a introdução de uma nova forma de se pensar a arte e a cultura em

Portugal, conduzindo os interesses artísticos para uma linha mais social e atuante na realidade em que estavam inseridos. Mário Dionísio, no prefácio à *Obra Poética* de Manuel da Fonseca, ao clarificar como conheceu o escritor, discorre sobre esse fenômeno:

Sei que foi exatamente o mesmo que levava a juntarem-se nesses cafés de Lisboa, como nos de Coimbra e do Porto, de Vila Franca ou de Santiago do Cacém, por essa mesma data muitos jovens, universitários ou não (e muitos não): um coração pulsando por todos os “humilhados e ofendidos”(...), uma obstinada recusa a ser feliz num mundo agressivamente infeliz, uma ânsia de dádiva total e o grande sonho de criar uma literatura nova, radicada na convicção de que, na luta imensa pela libertação do homem, ela teria um papel inestimável a desempenhar contra o egoísmo, os interesses mesquinhos, a convivência, a indiferença perante o crime, a glorificação de um mundo pobre. E na convicção, (...) de que toda a arte não fosse essa, precisamente essa com que se sonhava, mais não fazia, no fundo, do que ajudar a prolongar o mundo detestável.¹

Nesse contexto, vemos surgir dois pontos fulcrais para o entendimento da nova mundividência e, por conseqüência, estabelecer parâmetros e diretrizes para o estudo da complexidade que se funde ao nascimento do neo-realismo: 1 - A conturbada ambiência sócio-política, que uniu e condicionou os jovens e insatisfeitos artistas a quererem desencadear uma guinada nas diretrizes artísticas da época; 2 - As diferentes origens e experiências dos seus escritores, que propiciaram diversificados olhares para a mesma problemática, desencadeando distintos entendimentos sobre o que deveria ser primordial para o fazer artístico naquele contexto, bem como interpretações múltiplas do que se queria extrair da ideologia marxista que adentrava em Portugal neste início de século.

Assim, percebemos que este movimento, em sua gênese, nasce de um condicionante social e funde-se a partir de uma multiplicidade de visões, propiciando, a partir dessa complexa estrutura, uma literatura que se movimenta alheia a uma matriz estética, levando-nos ao encontro de infinitas formas de construções, onde uma gama de estilos e mecanismos de escrita se juntaram para, como um todo, estabelecer aquilo que se convencionou chamar de Neo-realismo. Essa múltipla configuração faz com que se percebam diferentes linhas de pensamento dentro do movimento e, com isso, diferentes “neo-realismos” configuraram-se dentro do próprio neo-realismo. A partir disso, e na tentativa de

¹ DIONÍSIO, Mário. Prefácio. In: Manuel da Fonseca. *Obra Poética*. Lisboa, Editorial Caminho, 1998, p-22.

se estabelecer uma linha capaz de direcionar os escritores, ou de impor um determinado entendimento a outros, muito se discutiu no interior do próprio movimento sobre como se deveria construir e pensar uma arte que se queria direcionada. A dicotomia “forma-conteúdo” foi, sem dúvida, uma “questão” para esse grupo, pois estabelecia-se no centro metodológico do movimento ao vislumbrar uma arte que intencionava atuar no meio social através de uma teoria ideologizante. Pensar as prioridades do movimento, bem como a estrutura que iria revesti-lo, ocupou os longos anos do neo-realismo e fez com que críticos e pensadores estabelecessem um intenso e produtivo debate em periódicos da época. Nesse sentido, o neo-realismo acabou por caracterizar-se como uma manifestação artístico-literária que produziu e alimentou uma polêmica interna durante toda a sua trajetória, pois refletiu sobre si mesma e buscou um entendimento amplo sobre aquilo que se caracterizava como “novo” no cenário artístico de Portugal.

Nesse contexto, vemos que o estudo do Neo-realismo engendra um complexo esforço, pois ao perceber que não há uma plataforma sólida e unificante, qualquer investigação passa a depender das inúmeras bifurcações que se abrem a partir das múltiplas visões que se apresentam em suas obras. Conseguimos traçar panoramas, porém, ao nos aprofundarmos, as particularidades de cada autor ganham corpo e acabam por tornarem-se protagonistas. Deparamo-nos com escritores muito singulares, que trabalham a temática, o pano de fundo neo-realista, de formas absolutamente distintas. A maneira como cada artista apreende a realidade e a reconsidera em suas obras é extremamente particular, fazendo da pesquisa em torno do que caracterizou o Neo-realismo uma enorme colcha de retalhos, em que, das diferentes e improváveis partes, retiramos um todo complexo e coeso. À medida que entramos em contato com o mundo de cada autor, passamos a conviver com diferentes formas de depuração da realidade e conhecemos (e reconhecemos) lugares até já muito trabalhados, mas que nos são apresentados sob uma nova perspectiva e, conseqüentemente, reformulam o nosso entendimento, abrindo zonas de percepção até então adormecidas. Dentro desse baralhar de autores, muitos se destacaram, seja pela representatividade de suas obras, seja pelos seus singulares mecanismos de escrita. Nomes como Alves Redol, Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, Joaquim Namorado, Carlos de Oliveira, Fernando Namora, entre outros, são referências obrigatórias em qualquer

tipo de investigação que gire em torno do Neo-realismo e o estudo de suas obras é fundamental para clarificar a idéia de heterogeneidade do movimento.

A forma como cada autor utiliza a palavra é, sem dúvida, o reflexo de como cada um deles interpreta a realidade. Nessa direção, pela maneira como as trabalha, utilizando uma precisão cirúrgica em cada vocábulo e ainda pela forma como introduz e engendra uma força vital a cada fato narrado, vemos destacar-se a figura de Manuel da Fonseca. Através de uma linguagem enxuta e de situações, aparentemente, despretensiosas, o escritor nos conduz a uma experiência de conhecimento através de pequenos gestos que se estruturam a partir de uma linguagem seca e minuciosa. A potencialização das minúcias do cotidiano, assim como o vocábulo exato são as ferramentas utilizadas por Manuel da Fonseca para nos levar a conhecer o universo de reconfigurações a que somos apresentados em suas obras. Sobre essa particularidade de Manuel da Fonseca, Mário Dionísio comenta que:

Manuel da Fonseca não é um ilusionista, um desses magos da palavra (e há-os de invejável perícia e sedução) que baralham as cartas, cortam o baralho em quatro, separam os naipes e os misturam para de novo os separarem e tirem o trunfo da manga do casaco. Tudo nele é voz dum homem inteiro que fala sem rodeios. Que ignora os rodeios. Que os detesta. Que não pode separar-se, nem aos gêneros, nem aos tons, nem aos temas..²

Nesse sentido, a prosa de Manuel da Fonseca aponta para uma idéia de aprendizado, em que o autor nos mostra, através de fatos banais, o nascimento de novas perspectivas, direcionando nosso olhar para o imperceptível, recriando uma realidade que nos é reconhecível, porém turva.

Assim, este trabalho visa investigar, primordialmente, as estratégias de escrita desse autor, e, através do estudo de sua ficção, demonstrar como, através de personagens complexos, Manuel da Fonseca cria uma perspectiva que trabalha o ideal neo-realista de maneira extremamente particular e nos insere em um mundo de descobertas, onde o reconhecimento e o aprendizado são as chaves que possibilitam a abertura de uma zona de transformação eminente. Seus personagens passam por um caminho de conscientização, onde, através do

² DIONÍSIO, Mário. Prefácio. In: Manuel da Fonseca. *Obra Poética*. Lisboa, Editorial Caminho, 1998, p-27.

entendimento de si e do contexto em que se inserem, conseguem dar início a um processo revolucionário em suas vidas e, conseqüentemente, transformam a realidade a sua volta.

O mundo de Manuel da Fonseca parece estar sempre em queda, tornando-se patente um movimento que se estabelece a partir do mundo interior dos personagens, e que se alastra e modifica o exterior. Através de um olhar minucioso, o autor constrói mundos que se encontram e se transformam. Nesse sentido, trata-se de uma poética pautada nas relações humanas que se estabelecem, construindo um complexo estudo das relações do homem. Afastando-se de um olhar estreito, Manuel da Fonseca traça um discurso revolucionário a partir da compreensão da profundidade que se funde ao ser humano, não se privando, entretanto, de criar uma estética rica, que consegue coadunar-se com a ideologia estabelecida como um dos parâmetros do movimento neo-realista.

Para tal estudo, foram escolhidos como corpus privilegiado as obras ficcionais do escritor, porém no caminhar da investigação alguns poemas serão trabalhados no intuito de externar dada característica intrínseca a sua literatura. Este estudo irá, através da análise dessas obras, observar as diferentes relações que se configuraram entre a escrita de Manuel da Fonseca e o grupo neo-realista, bem como ter como foco os meandros dos processos de criação do escritor, que o particularizam no universo do movimento. Este trabalho procurará entender como Manuel da Fonseca se insere na problemática ideológica do Neo-realismo, construindo um neo-realismo próprio, a partir de uma dada abordagem que não se limita a modelos pré-estabelecidos. Serão questionados, portanto, seus procedimentos de escrita e suas estratégias ideológicas.

Nessa esteira, para um entendimento mais sistemático do movimento e da literatura de Manuel da Fonseca, este trabalho irá dividir-se em duas partes. Na primeira, a investigação irá caminhar no sentido de entender a complexidade da heterogeneidade estética do Neo-realismo, investigando os complexos processos de inserção e consolidação do movimento no ambiente artístico-cultural das décadas de 1930 e 40, bem como os debates e reflexões internos que condicionaram os rumos da escrita de muitos escritores e estabeleceram formas distintas de compreensão da arte e da ideologia do movimento. Em um segundo momento, a investigação terá como foco a literatura de Manuel da Fonseca,

desenvolvendo um trabalho que procurará relacionar a sua escrita à realidade do movimento, levantando suas particularidades e pontos-de- vista.

Como corte temporal, a investigação demarca-se, efetivamente, entre meados da década de 1930 e década de 40, estendendo-se por, aproximadamente, duas décadas, culminando no início dos anos de 1960.

Tal período foi escolhido por representar a inserção de um novo movimento artístico e cultural no cenário português de 1930, quando há um primeiro contato da nova mundividência (Neo-realismo) com o *establishment* artístico-ideológico da época (grupo presencista) e, ao fim, por considerar o surgimento de uma nova geração de escritores que, apesar de compartilhar, em muitos pontos, os ideais neo-realistas, traçaram uma nova linha de estruturação artística, que se afastou do que foi desenvolvido por este grupo.